



REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NO TERRITÓRIO ALAGOANO À LUZ DO PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

Luã Karll de Oliveira

Universidade Federal de Alagoas, Professor do Curso de Geografia, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, AL, Brasil
luankarll@hotmail.com

Maria Auxiliadora da Silva

Universidade Federal da Bahia, Professora do Curso de Geografia, Campus Ondina, Salvador, BA, Brasil
dorasilv@ufba.br

RESUMO – O final do século passado e início deste apresentou um acirramento das desigualdades em todo território brasileiro, especialmente em Alagoas. A fragilidade econômica, o baixo nível de desenvolvimento social, a violência e tantos outros problemas alçaram o estado a condição de uma das piores unidades federativas do país em termos de desenvolvimento humano, conforme atesta com frequência os relatórios das principais organizações não governamentais do mundo. Como resultado inerente a esse processo, a violência tem tomado proporções incalculáveis, sobretudo por se difundir no imaginário das pessoas através do medo e da insegurança, preocupação constante e diuturna em tempos atuais. Dessa forma, buscar-se-á apresentar algumas concepções que podem trazer luz ao entendimento das diferentes facetas que constituem este problema no território alagoano, dentre elas, a propagação da violência para a sustentação de uma indústria da segurança.

Palavras-chave: Uso corporativo do território; Alagoas; indústria da segurança.

REFLECTIONS ON VIOLENCE IN THE TERRITORY OF ALAGOAS IN THE LIGHT OF THE TECHNICAL-SCIENTIFIC-INFORMAL PERIOD

ABSTRACT – The end of the last century and beginning of this presented intensification of inequalities in Brazilian territory, especially in Alagoas. Economic fragility, the low level of social development, violence and so many other problems they raised the state the condition of one of the worst federative units of the country in terms of human development, as evidenced by frequent reports from non-governmental organizations of the world. As a result inherent in this process, the violence has taken incalculable proportions, especially if spread in the imagination of people through fear and the insecurity, preoccupation constant and daylight in times currents. Thus, it will be tried to present some conceptions that can bring light to the understanding of the different facets that constitute this problem in the territory of Alagoas, among them, the propagation of violence for the support of a security industry.

Keywords: Use corporate of the territory; Alagoas; Violence industry.

INTRODUÇÃO

O período em marcha, expressamente marcado pelo advento da técnica, da ciência e da informação no território, também denominado como técnico-científico-informacional conforme alertou Santos (2012), assume um papel fortemente arbitrário, configurando novos recortes, distintas funcionalidades e uma nova racionalidade imposta a serviço de um punhado de agentes que controlam as bases da economia mundial, e, por conseguinte, redefinem os moldes de organização da sociedade. Como resultado adjacente a esse processo discricionário observa-se a promoção das desigualdades em todas as suas faces (fome, pobreza, miséria, violência, negação

do outro, negação dos direitos humanos, fragmentação), que mormente, assolam a parcela, principalmente mais desassistida da população.

Nesse sentido, é mister enfatizar que dentre as desigualdades instituídas no território, a violência se propaga de forma acentuada influenciando direta ou indiretamente a realidade do cotidiano da sociedade, de maneira independente às distintas funcionalidades que transcendem a cada lugar, (re) produzindo os sentimentos de medo e insegurança. O que representa de forma direta ou indireta, com maior ou menor intensidade, a violação de normas sociais ou regras legais estabelecidas mediante o uso da lei.

Em consonância, de maneira especial nos países terceiro mundistas ou periféricos, a violência tem se generalizado, impetrando a todos os grupos sociais com diferentes formas de representação nas mais distintas porções do território, atingindo “[...] governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado” (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 13), tornando-se um poderoso instrumento de realização econômica, política e organizacional de poder dos agentes hegemônicos. No caso do Brasil, está assertiva é ratificada através da vertiginosa ascensão de práticas violentas, potencializadas, sobretudo, com os alarmantes números de homicídios que desde a década de 1980 tem alcançado níveis estratosféricos em determinadas porções do país. Desvelando, pois, uma condição de extrema negligência com a vida onde a violência emerge como “a linguagem que vai determinando os rumos e sentidos das relações sociais e das políticas públicas no país” (LIMA, 2016, p. 21).

Portanto, a compreensão dos processos que se materializam no território, a exemplo da violência, deve ocorrer a partir de um prisma que contemple a totalidade espacial, isto é, do local ao global, considerando a organização da sociedade no espaço geográfico e evidenciando as características essenciais que dão sentido e animam a vida dos lugares. Nesse intento, a geografia expressa a sua grandeza dentro das ciências humanas, se apresentando como caminho possível de compreensão de um problema tão complexo como a violência mediante sua capacidade de acompanhar e analisar a realidade. Uma análise condicionada pela característica espacial da geografia, conferindo-lhe competência para uma abordagem consistente das dissonâncias que apreendem o território.

O CONTEXTO GEOGRÁFICO DA VIOLÊNCIA

Chamando atenção para o que fora aludido no item anterior, a geografia se apresenta como uma possibilidade para o entendimento dos processos espaciais, dentre eles a violência, decorrentes dos diferentes modos de organização da sociedade no território, e, por conseguinte, das transformações do espaço geográfico. Por essa razão, a compreensão das metamorfoses no espaço se torna cada vez mais necessária, sobretudo, mediante a utilização da ferramenta geográfica, por permitir uma melhor compreensão das desigualdades. Traduzidas, territorialmente, nas paisagens que de longe refletem as condições de vida da população brasileira e, alagoana em particular.

Para tanto, se faz mister resgatar conceitos e categorias de análise que expressem a real configuração desses processos no espaço geográfico. Nessa perspectiva, dar-se-á notoriedade ao conceito de território, por conceber nesta noção cristalizada no tempo, argumentos congruentes com o contexto atual para quando se pretende discutir os processos em sua totalidade. Entretanto, faz-se valer a atenção para a natureza complexa e demasiadamente ideológica do conceito de território, entendido e discutido em diferentes perspectivas, até mesmo na geografia. Não por acaso, “o território em si não é [representa] uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise”, conforme ensina Santos (1999, p. 8, grifo nosso). Ou seja, é a partir de seu uso que o espaço geográfico ganha movimento.

Partindo desse ponto, é necessário tomar por saber certos encaminhamentos que irão direcionar este diálogo. Em primeiro lugar, dar-se-á ênfase a noção histórica legada do economista francês François Perroux de espaço banal, conforme atenta Santos (2008), concebendo este como o espaço de todos; o espaço da sociedade e, conseqüentemente, o espaço dos agentes hegemônicos. Este entendimento contempla todas as porções do espaço, tanto aqueles que normatizam e ordenam o território - os hegemônicos -, como os que são regidos por imposições normatizadas - os hegemonzados. Tendo em vista estes aspectos, adverte-se que a violência não se justifica por si só, isto é, como algo isolado, pois, carece de instrumentos para sua realização, logo não sendo uma totalidade de per si, como salientou Arendt citando os dizeres de Engels.

A própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo cuja mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los (ARENDR, 2015, p. 4).

“Daí não se falar de uma geografia da violência e, menos ainda, de uma geografia do crime” (MELGAÇO, 2005a, p. 101), como corriqueiramente é verbalizado em mesas de diálogos por geógrafos das mais variadas orientações ideológicas. E em segundo lugar, vale atentar para a compreensão do espaço geográfico como um “[...] conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2012, p. 63).

Por fim, cabe ainda considerar que o tema da violência tem pouca tradição nos debates geográficos, somente surgindo como interesse dos geógrafos no último quartel do século passado condicionado pela perspectiva espacial oportuna da ciência geográfica. Tanto é que “em função dessa recente redescoberta do espaço geográfico, alguns pesquisadores têm-se voltado para a Geografia, como alternativa válida para a compreensão das relações em que o fator espacial tem um papel a desempenhar” (AMORIM FILHO, 1983, p. 81), preocupação que vale destacar, tornou de uso corrente temas como o das finanças, da fome, da violência e tantos outros que culminaram no aperfeiçoamento dos métodos de análise, descrição e interpretação do espaço geográfico e, por conseguinte, na compreensão das dinâmicas especiais. Portanto, conferindo competência para uma abordagem que discorre não propriamente de um estudo da violência como fazem os sociólogos, filósofos, antropólogos e tantos outros cientistas, mas de uma análise das transformações do espaço geográfico decorrente de um processo espacial. Um estudo que privilegie o objeto de análise da geografia, o espaço.

Essa perspectiva se confirma com a realização de trabalhos de grande envergadura na geografia brasileira, como é o caso da dissertação de mestrado intitulada A geografia do atrito: dialética espacial e violência em Campinas-SP, onde o geógrafo Lucas Melgaço (2005b, p. 5) adverti que “[...] a Geografia pode contribuir de maneira intensa com a questão devido ao seu diferencial teórico- metodológico, vendo o espaço-geográfico como um fator chave para o entendimento do período histórico atual”. Incumbindo, portanto, a geografia a tarefa de analisar os processos que procedem desse problema e seus múltiplos aspectos estruturais que se mostram como resultado da organização em classe da sociedade no território, potencializando ainda mais a produção em larga escala da violência.

Desta forma, “Quando, por meio da Geografia, se busca compreender algo específico, como a violência, a perspectiva espacial da Geografia pode oferecer uma série de contribuições, sobretudo na perspectiva interescalar que os geógrafos têm elaborado como método de investigação nos últimos anos” (ANDRÉ, 2009, p. 55). Tão logo, a geografia deve conceber o entendimento em relação a escala em que os eventos se manifestam no espaço, isto é, compreendendo as relações existentes nos lugares através das redes – daí a importância do resgate da noção de espaço banal.

Assim, há que se assentir com o pensamento de André (2009, p. 57), quando em sua tese de doutoramento intitulada *Visíveis pela violência: A fragmentação subjetiva do espaço metropolitano*, este autor aponta que “A violência é um instrumento para realização de circuitos econômicos e políticos, sejam eles legais ou não, sejam eles grandes ou pequenos, sejam significativos ou insignificantes”, especialmente, por se tratar de um modo de articulação de sujeitos e grupos que estabelecem e mantêm uma organização social; comandos que monopolizam todas as formas de benesses providas da globalização.

Persistindo no debate de ideias, há que se destacar a “violência da informação” ou mesmo a “violência do dinheiro” no prognóstico feito na preciosa obra de Milton Santos (2001), como formas de tirania e perversidade do sistema ideológico que condicionam os indivíduos ao reino das fantasias, do encantamento do mundo, reproduzindo de forma cada vez mais intensa as heterogeneidades no território, pois estes dois aspectos [informação e dinheiro] “São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos — isto é, dos globalitarismos — a que estamos assistindo” (SANTOS, Op. Cit., p. 38).

Por essa razão, a necessidade de apreender a violência a partir da geografia, usufruindo de uma categoria de análise consistente, qual seja, o território usado, se revela essencial para o entendimento do período atual de globalização perversa, tendo em vista que só mediante essa compreensão, é que as desigualdades veem a luz, revelando as desigualdades socioespaciais, como assinala Souza (2002), e, por conseguinte a geografia das desigualdades.

MEDO E INSEGURANÇA COMO FACES DA PERVERSIDADE SISTEMICA

Conforme salientou Melgaço (2005b, p. 3) “A violência no período atual está cada vez mais distante de atos isolados de pessoas mentalmente doentes e transtornadas e cada vez mais contextualizada como decorrente de uma sociedade capitalista desigual”, não obstante, desvelando mais do que um novo paradigma da violência como já alertara Wieviorka (1997), mas, um novo arranjo organizacional das forças hegemônicas marcado por profundas modificações, sobretudo no período de unicidade técnica.

Decerto, a violência não mais se apresenta com as mesmas características adquiridas em tempos idos, em que pese, a década de 1970 é considerada o grande marco histórico dessa transformação. Com a globalização, os territórios passaram a ter maiores conexões entre si em um processo que serviu como alicerce político e econômico para a difusão das desigualdades sociais, dentre elas, a violência. A partir de então, “a violência, na medida em que se inscreve no prolongamento de problemas sociais clássicos, ou que não questiona as modalidades mais fundamentais da dominação, é suscetível de ser negada ou banalizada” (WIEVIORKA, 1997, p. 9). Com efeito, se assistiu, sobretudo, no período vigente em todas as camadas da sociedade, a banalização de práticas violentas decorrentes, de maneira especial, do processo de mercantilização da violência.

Nesse sentido, essa nova realidade imposta ao território desvela uma generalização do medo e da insegurança que se intensifica na psicosfera, despertando na sociedade o anseio e o imediatismo por segurança, que se materializam nas paisagens e nas arquiteturas urbanas, transformando o cotidiano dos lugares, por vezes de maneira perversa, conforme pode ser identificado na Figura 1 a seguir.

Destarte, vale destacar que esse processo promove a organização efetiva de poderosas estruturas do crime, estabelecendo estreitas relações com o governo e forças políticas influentes, com interesses econômicos particulares na produção da violência, empregando o imediatismo do discurso do medo e da insegurança. Por esse motivo, é perceptível o crescimento expressivo do aparato securitário em todo território alagoano, seja através da imponência dos condomínios

fechados e apartamentos residenciais, que segregam e restringem do resto do território uma parcela significativa da população, seja por meio da segurança privada com a instituição massiva das empresas de segurança patrimonial, de transporte de valores e outros segmentos.

Figura 1. Formas de representação das arquiteturas do medo e da hostilidade



Fonte de dados: OLIVEIRA, Luã Karill de, 2018

Destarte, vale destacar que esse processo promove a organização efetiva de poderosas estruturas do crime, estabelecendo estreitas relações com o governo e forças políticas influentes, com interesses econômicos particulares na produção da violência, empregando o imediatismo do discurso do medo e da insegurança. Por esse motivo, é perceptível o crescimento expressivo do aparato securitário em todo território alagoano, seja através da imponência dos condomínios fechados e apartamentos residenciais, que segregam e restringem do resto do território uma parcela significativa da população, seja por meio da segurança privada com a instituição massiva das empresas de segurança patrimonial, de transporte de valores e outros segmentos.

Acrescente-se ademais, que, assim como, a violência o sentimento de medo não é algo recente, não obstante, ele sempre existiu. “O medo passa a fazer parte do imaginário coletivo e isso altera o cotidiano das pessoas e a maneira como usam o território” (MELGAÇO, 2010, p. 105-106). Não por menos [...] é certo que no período atual da globalização ele tem tomado proporções inéditas, sendo disseminado e reproduzido” (p. 105-106).

Decerto, a produção da violência articula a propagação da desordem, promovendo no imaginário das pessoas “espaços de segurança e conforto”, que se revelam na tessitura de espaços auto-segregativos e exclusivos para uma pequena parcela da população. A propósito, o autor acima mencionado lembra que é devido a essa nova racionalidade que o impacto do medo e da violência tem sido tão relevante, sobretudo, no que diz respeito aos valores de serviços cobrados pelas seguradoras de veículos e imóveis no Brasil. Não por menos, “[...] quanto mais violenta é a imagem que se tem de um município, maiores são as tarifas utilizadas pelas seguradoras” (MELGAÇO, Op. Cit., p. 106), o que evidencia a violência como uma prática altamente rentável e lucrativa para os agentes hegemônicos.

Todavia, ressalta-se que mesmo os lugares que dispõem de toda infraestrutura e de técnicas aprimoradas, não se tornam menos violentos do que aqueles que não dispõem destes atributos técnicos. Ao contrário, é exatamente, por disporem de todas as vantagens que a técnica e a informação oferecem, que surgem as desigualdades e a seletividade. Logo, é preciso apreender que a violência está presente em todas as partes do território, desde os providos de uma maior densidade de técnicas securitárias, até aqueles menos favorecidos pelos aparelhos de segurança, sejam eles públicos ou privados. Rompendo com algumas concepções a respeito da ideia de segurança.

A GEOGRAFIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TERRITÓRIO ALAGOANO

O princípio do século em tela, desvelou novas tipologias da violência em todas as porções do território nacional, e, alagoano, em especial, verificadas com a diversificação de práticas violentas associadas, sobretudo, ao incremento de causas externas (acidentes de trânsito, suicídios, latrocínios e com maior efervescência para os homicídios). Nesse sentido, atenta-se para o fato de que as práticas violentas têm se difundido de forma cada vez mais acentuada em Alagoas, coincidindo com o aumento latente das desigualdades na sociedade alagoana, revelando, pois, a magnitude da violência que transpõe o tecido social, tão logo, evidenciando as particularidades desse processo no território.

Em face as inúmeras pesquisas realizadas por Institutos e ONGs brasileiras e de países da América Latina, a última década revelou um momento particular na história de Alagoas, quando as estatísticas assinalaram o estado como o mais violento do país com percentuais médios de homicídios superiores aos de países que convivem com uma eclosão desenfreada da violência. Com efeito, dentre os principais municípios de Alagoas onde pode ser observado um crescimento cavalari desse processo, Maceió, e sua região metropolitana, contribuíram de forma relevante para o agravamento desse quadro, destacando-se entre as cidades mais violentas do mundo, conforme pode ser verificado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Classificação das vinte cidades mais violentas do mundo

Cidade	País	Taxa % (por 100.000/hab)
San Pedro Sula	Honduras	169,30
Acapulco	México	142,88
Caracas	Venezuela	118,89
Distrito Central	Honduras	101,99
Torréon	México	94,72
Maceió	Brasil	85,88
Cali	Colômbia	79,27
Nuevo Laredo	México	72,85
Barquisimeto	Venezuela	71,74
João Pessoa	Brasil	71,59
Manaus	Brasil	70,37
Guatemala	Guatemala	67,36
Fortaleza	Brasil	66,39
Salvador	Brasil	65,64
Culiacán	México	62,06
Vitória	Brasil	60,40
New Orleans	Estados Unidos	56,13
Cuernavaca	México	56,08
Juarez	México	55,91
Ciudad Guayana	Venezuela	55,03

Fonte. Seguridad, Justicia y paz (2014) – Acesso em novembro de 2014.

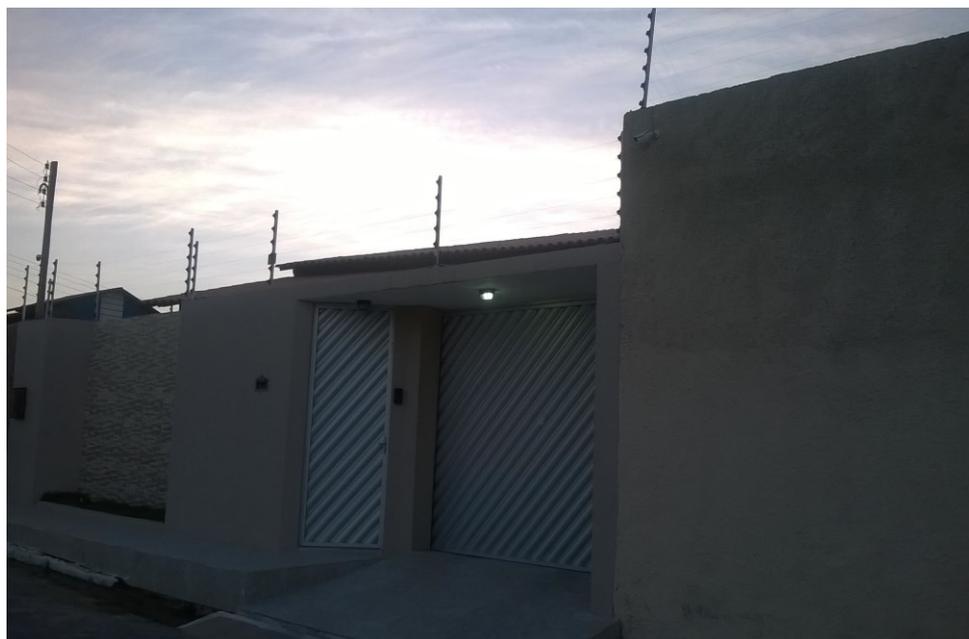
Organização: OLIVEIRA, Luã Karll de, 2015.

Ora, um fato chama atenção para as informações descritas na figura acima está relacionado a regionalização no território brasileiro alcançada por esse processo. Dentre as vinte cidades apresentadas, seis são brasileiras, e, destas, quatro estão localizadas na região Nordeste (Maceió, João Pessoa, Fortaleza, Salvador). O que justifica o crescimento da violência assistido no Nordeste brasileiro neste período.

Ao elenco das principais formas que resultam na ascensão de práticas violentas, emerge com papel de centralidade os roubos, assaltos (com ênfase para os assaltos a bancos e aparelhos celulares), lesão corporal, sequestros, estupro, e com um grau mais acentuado o uso e o tráfico de entorpecentes, o latrocínio e o homicídio por arma de fogo ou por arma branca. Não obstante, dentre as práticas violentas aludidas, a que mais surti efeito para a difusão da violência no território alagoano é o homicídio, que, mormente, a década em evidência, tem sido um dos principais déficits enfrentados em todas as camadas da sociedade alagoana. Nesse contexto, verifica-se uma maior exposição da população a violência, e a todos os tipos de problemas sociais o que “[...] torna a sociedade alagoana uma sociedade de risco e na qual as pessoas ficam numa condição de extrema vulnerabilidade e insegurança” (FERREIRA, 2011, p. 21).

Destarte, esse período marcado pela ascendência da violência, e em especial dos homicídios, demonstra como o território é organizado, para quem ele é organizado e quais as intencionalidades que levam a essa organização. São novos arranjos organizacionais que se dão sob as particularidades do governo, de forças políticas e da mídia, que fortalecem o crime organizado, atestando a continuidade e proliferação de um estado quase insustentável de violência, medo e insegurança por todas as partes. Fazendo emergir os chamados espaços do medo, espaços da insegurança, representados por arquiteturas indesejáveis que tendem a privar o indivíduo da vida, escondendo-o por trás de pesados portões, altos muros de proteção, e toda uma parafernália técnica que se apresenta como meio de proteção a violência do cotidiano da sociedade, provas cabais de que vivemos em um momento marcado pelo crescimento da intolerância, do extremismo, e da negação da figura do outro (Figura 2).

Figura 2. Residência protegida, com sistema de câmera de vigilância, muro e cerca elétrica.



Fonte de dados: Acervo pessoal. Girau do Ponciano-AL, 2018

Por essa razão, é importante conceber quem propaga o medo e a insegurança em Alagoas, quais são os verdadeiros promotores da violência. A respeito, Ferreira (2011, p. 23) aponta que “os autores da violência [...] estão presentes em todas as classes sociais, pertencem a todos os gêneros, gerações e etnias [...] são ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos”.

Assim, algumas ideias sobre segurança poderão ser desmascaradas, desvelando como esses aparatos ao invés de promover um estado de segurança, podem constituir-se em diferentes fontes de violências, injustiças e mesmo de inseguranças, pois conforme afirma Melgaço (2010, p.108-109) “a presença de muros altos, cercas elétricas e câmeras de vigilância reforça a sensação de insegurança, pois veicula a mensagem de que aqueles lugares cercados e vigiados seriam potencialmente perigosos e, exatamente por esse motivo precisariam ser constantemente monitorados”. Tão logo, não é demasiado afirmar que mesmo a presença de todo aparelhado técnico de segurança não representa que um determinado lugar será menos violento que o outro, haja vista que, a segurança não se efetiva na redução da violência

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de sugerir causalidades mecanicistas a respeito do problema da violência que atinge a sociedade alagoana, o diálogo, ora, proposto se faz sob a apreensão das transformações do espaço geográfico. Transformações sentidas na modificação da paisagem dos lugares, influída pelo medo da violência do cotidiano. A princípio, privilegiou-se um diálogo de abertura capaz de desvelar o tema proposto e sua importância na geografia, algo que poucos geógrafos se atreveram a realizar. Entretanto, uma discussão que se revela pertinente, especialmente, por se tratar de um problema atual que atinge todas as camadas do tecido social, em todas as partes do mundo, sejam elas compostas por pessoas ricas ou pobres, da metrópole ou da periferia, brancos ou negros.

Como decorrência, a violência tem se tornado um produto da globalização perversa, posta a serviço de uma parcela minoritária da população, tendo o sustento das técnicas da informação para sua reprodução, porque “[...] nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares” (SANTOS, 2001, p. 39). Nesse intento, o território hoje, cada vez mais, é regido por normas, imposições de grupos políticos influentes que exercem poder sobre tudo aquilo que está a serviço da sociedade, aprofundando assim, no surgimento das desigualdades.

Em Alagoas, tal realidade não foge à regra quando da constatação sobre a produção e distribuição da riqueza. Estudos realizados pelo IBGE, revelam o estado como a unidade federativa mais desigual do país, consequência da pobreza, da gritante condição de miséria, da diferenciação salarial, das questões raciais e étnicas, dos indicadores negativos (CARVALHO, 2012), efeitos que somados levam a produção em larga escala da violência, algo que passa a ser inseparável da realidade vivida e da qual tona-se, cada vez mais, difícil escapar neste contexto em que se é governado.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian et al. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO/BID, 2002.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A produção do espaço e a análise geográfica. In: Simpósio: teoria e ensino de geografia. Belo Horizonte, 1983.

ANDRE, Luiz Andre. Visíveis pela Violência! A fragmentação subjetiva do espaço metropolitano. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP. Presidente Prudente, 2009. 313p.

ARENDR, Hannah. Da violência. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em julho de 2015.

CARVALHO, Cícero Péricles de. Economia popular: uma via de modernização para Alagoas. Maceió: Edufal, 2012.

FERREIRA, Ruth Vasconcelos Lopes; COSTA, Elaine Cristina Pimentel. As faces da segurança pública e dos direitos humanos em Alagoas. Maceió: Edufal, 2011.

LIMA, Renato Sérgio de. Para lamentar nossos mortos. In. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. Ano 10, São Paulo, 2016.

MELGAÇO, Lucas de Melo. Securização urbana. Da psicoesfera do medo a tecnoesfera da segurança. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2010. 276p.

Por uma ciência do atrito: ensaio dialético sobre a violência urbana. Geografias (UFMG), Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 90-110, 2005a.

A geografia do atrito: dialética espacial e violência em Campinas-SP. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2005b. 128p.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 7, reimpressão. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. O Dinheiro e o Território. GEOgraphia. Niterói, RJ, v 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Política e território. A geografia das desigualdades. [Texto elaborado para o Fórum Brasil em Questão, organizado pela Universidade de Brasília e apresentado na Mesa Redonda "A Diversidade Regional Brasileira", no dia 05 de junho de 2002]. Disponível em: <<http://www.territorial.org.br>>. Acesso em: 18 de jun. 2015.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tempo Social: Revista de Sociologia. USP, São Paulo, 9(1), p. 5-41, mai. 1997.